



## Pelas terras de cabra machos, quando viados saltam, algo desmorona: por uma clínica sertaneja

Through the lands of male man, when fags jump, something collapses: by a country clinic

Por las tierras del varón, cuando saltan los maricones, algo se derrumba: por una clínica de la campiñara

*Rodrigo de Oliveira Feitosa Vaz<sup>1</sup>*

### RESUMO

Esse trabalho segue os enfrentamentos de meu corpo dissidente, quando faz um retorno ao sertão paraibano. Como direção metodológica, tomamos os biografemas, a escrevivência e as fabulações como modos de produzir fricções no “cistema” para uma clínica sertaneja, solidariamente hacker e desobediente, saltos de androgenias de combate.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dissidências. Escrevivências. Clínica Sertaneja.

### ABSTRACT

This work follows the confrontations of my dissident body, when it makes a return to the hinterland of Paraíba. As a methodological direction, we take the biographemes, in writing-living and the fabulations as a ways of producing frictions in the “cystem” for a country clinic, solidarily hacker and disobedient, leaps of combat androgens.

**KEYWORDS:** Dissent. Writing-Livings. Countryside Clinic.

### RESUMEN

Este trabajo sigue los enfrentamientos de mi cuerpo disidente, cuando regresa al interior de Paraíba. Como dirección metodológica, tomamos los biografemas, la “escrevivência” y las fabulaciones, como formas de producir fricciones en el “cistema” para una clínica del pueblo, solidariamente hacker y desobediente, saltos de combate andrógino.

**PALABRAS CLAVE:** Disidencia. “Escrevivências”. Clínica de la Campiñara.

---

<sup>1</sup> Psicóloga clinique, ator-performer e escritor (e), bicha não binária, diverso-funcional. Compõe o Coletivo Não Binária da Paraíba e o Corpo Clínico do Projeto Aquendendo Afetos: Saúde Mental para Pessoas Trans. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (2011) e mestrado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2015). Pós-Graduanda em Psicanálise e Relações de Gênero: Ética, Clínica e Política pelo Instituto de Pesquisa em Psicanálise e Relações de Gênero (IPPERG). Publicou o livro de contos Máquina de Escrever (2018) pela Editora Kuzuá. E-mail: [rodrigovazpsi@gmail.com](mailto:rodrigovazpsi@gmail.com)

\* \* \*

*O gênero cumpre sozinho a função de invisibilização das relações de poder, isto é, sua naturalização, cristalizando um único modo de relação hierárquica entre os sexos, estável e previsível. (Elsa Dorlin)*

*(...) gênero foi uma imposição colonial que persistiu. (Comunidade Catrileo+Carrión)*

*Já não podia acreditar que existissem nem mulheres, nem homens, nem xx, nem xy, nem picas, nem bucetas, nem natureza, nem ciência. (Itziar Ziga)*

No seu Grande Sertão Veredas, Guimarães Rosa (2015) insere Riobaldo, Diadorim e demais personagens através de uma narrativa-testemunho, desde um corpo apaixonado como modo de conhecer uma experiência-vida em aldeia. Tal quais Riobaldos, Diadorins etc., venho de uma aldeia quente, aonde os homens vão à guerra e/ou morrem cedo, de "morte matada" em sua grande maioria. Tal quais Lampiões ou Odisseus. Só a mulher teria o dom da permanência. Aguardam, tecem e destecem fios de espera tal qual Penélopes ou pequenas Antígonas em busca de velar o corpo dos seus: os que foram mortos em combate. Quando não, são Sherazades a ninar estórias de sobrevivência sobre bois famintos & mandacarus. Várias delas são também Maria Bonitas que já acordam prontas pra fazer café, pois o dia já estará raiando e a polícia já estará de pé.

Seguir escrevendo aqui será como talhar a aurora com um cheirinho de café. Empunho a palavra e escrevo este texto desde as dissidências de um corpo-bicha, gênero fluido, diverso-funcional, nordestine (que também fez migrações para os eixos sudestinos-sulistas), o primeiro de sua linhagem materna a ingressar na universidade pública, inconforme com os padrões de normalidade, apostando que o pathos e as marcas situadas vicejam modos-outros de conhecer.

Destes modos, inspiramo-nos nos biografemas (desde Roland Barthes e Luciano Bedin), na escrevivência pela escritora Conceição Evaristo e nas fabulações (desde os filósofos Gilles Deleuze e Henri Bergson).

\*\*\*

(recomendação clínica: *ouvir Pokas, da Quebrada Queer & Enviadescer, da Linn da Quebrada*).

A morte brinca com balas nos dedos gatilhos dos meninos. Dorvi se lembrou do combinado, o juramento feito em voz uníssona, gritado sob o pipocar dos tiros:

— A gente combinamos de não morrer!

(Conceição Evaristo)

**30 de outubro de 2018. Resultado da eleição presidencial.** Estou arrepiada, nervosa. Choro. Brasil, que morte horrível! Amigues são espancados. Policiais atiram na Avenida Paulista, ameaçando “viados e macacos nordestinos.” Temos medo.

Sonho estar pelas ruas acompanhado de um amigue. Um carro se aproximava. Estamos a caminho de uma praça, percebo. Quem dirige o carro é a Morte<sup>2</sup> junto ao então “cidadão de bem baluarte da moral, da família e dos bons costumes” homenageado pelos policiais acima citados. O amigue era alvejado e caía aos meus pés.

**Sertão paraibano. Terra dos “cabra-macho”. É hoje ainda:**

*Tome cuidado com o que você posta agora que está aí? Uma foto de saia, tenho medo que você leve uma facada. Em São Paulo, se recebe lampadadas. A porta do quarto é arrombada. Minhas vísceras caem no chão. Volta pro armário, filhote! Quem já viu macho de saia? Nossos traços de abjeção são expostos. A tensão instaurada retroalimenta a figura de subjetividade do cabra macho que invade, quando não, estrangula, vidas. Seu corpo é dilacerado vivo ali nu, e ninguém lembra que o esmalte corróido pela viagem fora presente da mãe. A cor do esmalte não importa. A rede de silenciamento impede o salto das vidas viadas entre essas gentes.*

---

<sup>2</sup> Refiro-me a um dos Sete Perpétuos, irmãos de Sandman, personagem de revista em quadrinhos da editora norte-americana DC, criado pelo escritor inglês Neil Gaiman no final da década de 80. Sandman ou Sonho, Morpheus, Oneiros (aquele que dá a forma), o Monarca do Sonhar é um Perpétuo ou sem-fim junto com seus outros seis irmãos. Por ordem de “idade”: Destino, Morte, Sonho, Destruição, Desejo, Desespero e Delírio. Nesta invenção de mundo, realidade material e realidade onírica, se misturam a todo o momento e se definem mutuamente (GAIMAN, 1991).

Enquanto o homem berra, as bixas e as mulheres são mutiladas pela nudez. Tem um engasgo na garganta. O choro engolido. Pesadelos à noite com estranhos familiares que invadem a casa, a cama, o corpo, devastando distâncias e cercas intransponíveis. A cor do esmalte não importa. Mas ele é vermelho como são os nossos olhos que choram e sangram.

Pelas terras dos cabras machos, vidas lgbttqiapn+ re-existem tal qual vagalumes pelas suas intermitências, bruxuleiam como pequenas luzes, luccioles, depravades, vagabundes trilhando zonas de aparecimento que desagradam a um Deus tirânico e implacável:

Bom, sim, podem nos humilhar, exterminar, encarcerar, enforcar. Mas voltamos a nascer. As piores de nós nasceram em famílias modelo, higienicamente heterossexuais e católicas. A bixa, quando nasce, apaga todo o rastro de sua origem. Para começar sai correndo de casa. Uma bixa, por definição, só tem futuro. E presente. Sempre houve bixas, sempre haverá bixas. Somos mais indigestas que um cozido. E em cada arrote histórico somos diferentes. Agora vem a linguça. Este tem sabor de feijão. Aqui está o toucinho!!!! Repetição e diferença. Iterabilidade. Performatividade. Isso é da Butler. O exemplo do cozido é meu. À força de nos repetirmos, vamos mudando, querendo ou não. (VIDARTE, 2019, p. 57).

Vidarte (2019) nesse explosivo livro nos dá um testemunho vivo de si como quem conversa na calçada e nos deixa uma missão: a improrrogável invenção de outras éticas, uma ética bixa. E fora seguindo essa linha inspiradora que passamos a escutar mais as bixas-em-nós, as vidas-viadas que “dão pinta” no sertão, produzem alianças demoníacas, aberrantes que racham com filiações hegemônicas através de matilhas, multiplicidades coletivas, multidões queer que saltam com uma clínica sertaneja, pois quando vidas viadas saltam em bando, abalos sísmicos acontecem e o barro seco que sustenta a subjetividade-claustro do cabra macho desmorona. Nossas passagens deixam marcas que molham o barro através de nossos rastros.

Esse barro seco pode também ser chamado de heterossexualidade compulsória, obrigatória, de Estado, masculinidades coloniais, coronelistas, patriarcais e hegemônicas fundamentando uma virilidade através do machismo e do sexismo que se sustentam por uma rede de violências cotidianas. É nesse

sentido que Wittig (2005) citada por Leopoldo (2020) fala de contrato heterossexual sob o qual a matriz heterossexual não seria somente uma questão de sexo, mas um regime político, bem como uma política de desejo, de acordo com Preciado (2020b), pois é também uma prática de governo com uma estética de dominação historicamente construída e sobrecodificada em epistemes que fixam definições e posições.

Seguindo esse caminho, Butler citada por Ferreira & Souza (2020) vai chamar atenção para o conjunto de normas que operam no contexto sócio-político-cultural produzindo dispositivos de saber/poder, cuja função é “enquadrar e emoldurar a vida em referenciais de inteligibilidade e reconhecibilidade” (ibid. 2020, p. 374), de modo que as corpos que se encontrem fora ou na fronteira desses limites serão hostilizadas, atreladas à abjeção e terão suas existências cada vez mais precarizadas, pois serão entendidas como não passíveis de serem minimamente vivíveis ou, em muitos casos, sequer serão qualificadas como vidas.

Para tanto, esse regime aterrorizador conforme Oliveira (2018) se utilizará também da branquitude para garantir uma supremacia incontestada de raça e gênero que silencia as expressões de gênero periféricas, de modo a assegurar as normas cisgêneras. Segue a autora citando Serano (2007) que a cisgeneridade indica uma norma cujo ideal regulatório é a presunção de efeitos de expectativas universais da experiência humana. Utilizando-se da química orgânica, Serano aponta que a cisgeneridade se consolida ao se fixar como sendo a ligação química normal e esperada, a mais comum entre os elementos, imutável, cristalizada ao longo da vida, conforme também Cidade (2016).

Como exemplo, podemos citar as primeiras informações comunicadas em um ultrassom a um corpo que gesta: as únicas possibilidades sempre são menino ou menina; outra presunção bem contemporânea são os chás de revelação, calcados nessa mesma égide, com um adendo cromático: azul para meninos, rosa para meninas. No decorrer da chegada deste corpo que vem, vários outros elementos vão se agregar: o “joãozão do paizão”, como coloca Stona (2021), ou “prenda suas cabritas que os meus bodes estão soltos” são outros exemplos de como compulsoriamente se produzem corporeidades cujas performatividades serão constantemente reiteradas, embora, mais dia menos dia, falhem.

Portanto, a transgeneridade, neste aspecto, para Serrano (2007), seria o outro, o desajuste, as ligações químicas cruzadas espontaneamente, inesperadas, subjetividades imprevisíveis. Tal tecnologia faz com que Preciado (2018) também interseccione nesse enfrentamento os corpos não binários e queers em uma afirmação política que vai interpelar o peso forte de uma injúria, fazendo transbordar vitalidade: nem isso nem aquilo, mas queer, o estranho, o raro. Queeridades como falhas na representatividade (LEOPOLDO, 2020), derrubando muros, catalisando e reunindo todos os objectos, os rechaçados, os desalmados:

Houve um tempo em que a palavra *queer* era apenas um insulto. Na língua inglesa, desde seu aparecimento no século XVIII, *queer* servia para nomear aquele ou aquilo que, por sua condição de inútil, malfeito, falso ou excêntrico, questionava o bom funcionamento do jogo social. Eram *queer* o trapaceiro, o ladrão, o bêbado, a ovelha negra e a maçã podre, mas também todo aquele que, por causa de sua peculiaridade ou sua estranheza, não pudesse ser imediatamente reconhecido como homem ou mulher. A palavra *queer* não parece tanto definir uma qualidade do objeto a que se refere, quanto indicar a incapacidade do sujeito que fala de encontrar uma categoria no âmbito da representação que se ajuste à complexidade do que ela pretende definir. Portanto, desde o início, *queer* é mais o traço de uma falha na representação linguística do que um simples adjetivo. O que de certa forma equivale a dizer: o que chamo de *queer* é um problema para o meu sistema de representação, é um distúrbio, uma estranha vibração no meu campo de visibilidade que deve ser marcada com a injúria. (PRECIADO, 2018).

Uma queeridade fricciona o “cistema” (VERGUEIRO, 2015) ao problematizar a ideia de normalização e as categorias que reiteram a cisheterossexualidade como norma política que deveríamos seguir como um modelo rígido, mantenedor de expectativas e mandatos sociais (COLLING, 2018). E, justamente, por se apoiar na possibilidade de desestabilizar normas imutáveis e perturbar os discursos tradicionais da cisheteronormatividade (THÜRLER & COLLING, 2020), é que as composições de práticas queer geram um pânico diante de uma masculinidade que se reitere crível, pois toda uma paranoia de um desbunde coletivo em massa se abre diante do piloro, do cu da sociedade

heterocentrada, mostrando toda a fragilidade do que se pensava ser de mármore, acrescenta Leopoldo (2020).

Incomodamos porque seríamos contranaturais, porque não reproduzimos e “não se reproduzir é – nesses termos – prejudicar o Estado e a administração colonial” (COMUNIDADE CATRILEO+CARRIÓN, 2021, p. 10). Portanto, ao nos deslocarmos, abrimos uma possibilidade de enunciação para as bichas, o queer, as transexuais, as travestis, as sapatas, drag queens, drag kings etc. Nossas modulações porosas, nossos caminhos sinuosos interrompem lógicas coloniais e confundem o modelo majoritário de sociedade, cuja reação é o medo de que a família nuclear, tradicional e brasileira se dissolva diante do trottoir das derivas de nossas androgenias de combate. Segue Preciado (2018):

Era necessário desconfiar do *queer*, pois se desconfia de um corpo que, por sua mera presença, confunde as fronteiras entre as categorias previamente divididas pela racionalidade e o decoro. Na sociedade vitoriana, que defendia o valor da heterossexualidade como eixo da família burguesa e base da reprodução da nação e da espécie, *queer* servia para nomear também aqueles corpos que escapavam à instituição heterossexual e suas normas. A ameaça vinha, nesse caso, daqueles corpos que por suas formas de relação e produção de prazer punham em questão as diferenças entre o masculino e o feminino, mas também entre o orgânico e o inorgânico, o animal e o humano. Eram *queer* os invertidos, a bicha e a lésbica, a travesti, o fetichista, o sadomasoquista e o zoófilo. O insulto *queer* não tinha um conteúdo específico: pretendia reunir todos os sinais do objecto. Mas a palavra servia na realidade para traçar um limite no horizonte democrático: aquele que chamava o outro de *queer* se situava a si mesmo sentado confortavelmente em um sofá imaginário da esfera pública em uma troca comunicativa tranquila com seus iguais heterossexuais enquanto expulsava o *queer* para além dos confins do humano. Deslocado pela injúria para fora do espaço social, o *queer* estava condenado ao sigilo e à vergonha.

Neste sentido, tal mal-estar também materializa-em-nós os efeitos da vida psíquica do armário pela melancolia de gênero:

“- Foi com um olhar que eu percebi que gostava de meninos, ele me olhou e eu retribui, mas tive muito medo, a gente tá no sertão, né? Depois, já adulto, me convidaram pra compor uma Frente Lgbttqqiapn+ aqui no sertão, mas eu tinha

acabado de me formar, começava a trabalhar, tinha minha família, eu tive medo. É um ressentimento que eu tenho. Eu ainda tenho medo.” “- Eu posso até conhecer um companheiro seu na sua casa, mas não traz ele aqui não, não por você, mas por mim, eu tenho medo que me culpem. A culpa foi minha?” “ - Pelo cargo que ele ocupa aqui tem de ser discreto, né?!” “ - Nós fomos, talvez, uns dos primeiros casais lgfts a se assumir aqui, meu companheiro se assumiu junto a publicização de nosso relacionamento, mas a gente não dá muita pinta, né, temos passabilidade, não sofremos como bichas.” (Testemunhos de autoria coletiva, 2020).

Estas foram narrativas catadas de conversas intensas e fortuitas pelas nossas paisagens sertanejas. Carregados de sotaques, estes testemunhos nos põem diante da presença do armário como fronteira a ser continuamente cruzada, conforme Demingos & Stona (2021), pois, segundo Sedgwick (2007) citada por esses autores, enquanto houver presunção de uma matriz cisheterossexista compulsória, armários continuarão a serem reerguidos a cada novo encontro, com novos esquemas de sigilo ou exposição, exercendo um controle no modo como nos constituímos social e discursivamente e se legitimando como instrumento disciplinar em uma complexa rede de relações de poder.

Podemos destacar, segundo Demingos & Stona (2021), alguns exemplos de seus efeitos: reações agressivas, de hostilidade e de repúdio a qualquer traço lido como de feminilidade sustentado na argumentação carregada de tons misóginos e de lgbttqiapn+fobia internalizada, que se traduzem pelo “não gosto, não sou e nem curto afeminados”, bem como vulnerabilidades que regulam uma espécie de auto-ódio diante de narrativas que reforçam conforme Butler (2020) que talvez estejamos mais seguros dentro do armário, pois sair dele pode ser se expor ao riso, a sátira, ao deboche, e/ou a morte legalizada, o que, sim, pode ocorrer, e muito!

Constatamos, portanto, que os impactos e atravessamentos sob os quais somos interpelados variam, evidenciando contingências, enfatizando negociações e envolvendo inúmeras estratégias de re-existência às condições que o armário nos coloca como bem problematizam Demingos & Stona (2021). Complementa Kveller (2021) - também em sintonia com Sedgwick (2007) – que, sendo o armário um dispositivo de regulação da vida social, dele não se sai de maneira neutra,

pois não raras vezes, tal movimento é lido como algo inapropriado, carregado de acusações de “ideologia de gênero”, de que “queremos aparecer” e falar de coisas privadas em lugares públicos. Ademais, continua o autor, sair do armário afeta laços e vínculos, já que também nos acusam de sermos traiçoeiros, tendo como justificativa termos “escondido”, omitido uma informação.

Portanto, sair do armário, na verdade, é um convite a todos para o armário, pois toda essa rede de saber e segredo se complexifica cada vez mais. E se aderimos compulsoriamente ao que nos é colocado, nos distanciamos e tornamos assombrosa qualquer expressão que esteja assimétrica, inconforme, fora da ordem cisheteronormativa, tratando-a como resto. O cabra macho nos olha como resto, garantindo assim a delimitação das fronteiras da normalidade pelos movimentos de abjeção.

Por isso, algumas de nós ao escolherem se colocar nas trincheiras, escancaram as portas dos armários com os pés, por estarmos exaustas, de acordo com Audre Lorde (apud SILVA, 2019), de viver boa parte de nossas vidas ignorando a própria raiva, temendo-a, em silêncio. Advogamos, na esteira dessa autora, a inclusão da raiva nos diálogos como possível vetor de crescimento, sem a pretensão de produzir culpa, defensividade ou inércia, tristes afetos inúteis.

Quando ocupamos espaços e a *porra toda* também respondemos à raiva da exclusão, dos privilégios não questionados, das distorções raciais, do silêncio, do mau trato, da estereotipização e da má nomeação, segundo Lorde (2019). A raiva pode ser utilizada como fonte de energia para o enfrentamento das opressões, “ainda que falas raivosas e agoniadas, como podem ser as nossas, ante expressões cotidianas de racismo” SILVA (2019, p. 176), capacitismo, machismo, misoginia, lgbttqiap+fobia, xenofobia, gordofobia, dentre outras. Para Silva (2019), há uma raiva distinguível do ódio aniquilador, uma raiva *precinecessária* que se afirma em tom de manifesto, como manejável a serviço dos que foram/são silenciados historicamente e que tiveram que aprender a orquestrar as suas fúrias, sob pena de não conseguir sobreviver.

Pegando essa via é que Donna Haraway (2018) acredita que nós só “sobreviveremos nesses tempos por meio de um modo feroz de contar histórias, por meio de uma resistência feroz, da política, de um tipo de recusa a ir embora, do reconhecimento de que isso aconteceu antes, muitas vezes, e está acontecendo

de novo, e de que nós simplesmente nos recusamos a ir embora” (ibid., 2018). E que é no apelo de uns aos outros que ganhamos força e luto para cuidar das feridas. Juntas, cuidaremos do banzo.

Banzo para Lucas Koka Penteado (esse mesmo que esteve no BBB e enfrentou a cultura do cancelamento) é um sentimento de melancolia experimentado por quem enfrenta dolorosas travessias. Afetades pela transitoriedade das coisas, e mergulhades na dor, nas paixões tristes, no sentimento de estranheza e no abandono mais desamparado, o mundo se tornado estrangeiro, passamos a ser presas do desalento, de acordo com a saudosa Neusa Santos Souza (2021). Para tanto, Lucas nos alerta de que é preciso cuidar do banzo dos seus e de tudo aquilo que pode melancolizar.

Nomear a dor, encontrar uma voz, acontecimentalizá-la para além de lhe oferecer um contexto, emergir do silêncio e do cativo da fala correta ganha contorno de enfrentamento, de um gesto de resistência para uma agenda vital segundo bell hooks (2019, p. 55): “Quando acabamos com nosso silêncio, quando falamos com uma voz libertadora, nossas palavras nos conectam com qualquer pessoa que viva em silêncio em qualquer lugar.” Retomando Donna Haraway (2018) trata-se de seguir insistindo “na criação de vitalidades, apesar dos novos tipos de opressão. Que não fomos derrotados, que não iremos embora. E contar histórias é uma das nossas capacidades mais preciosas” (ibid., 2018).

É nesse sentido que Mombaça (2021) busca rasgar todas as recomendações que lhe impedem de aderir à linguagem de seu desespero, e encontra em si os buracos e flechas que atravessam sua carne, “esta carne política feita de especulação e memória, de força e matéria” (ibid., p. 27), pois só assim conquistaria outro modo de escrita que se arranca da paralisia e da confusão, sem garantias de que mostrará as saídas, correndo até o risco de mergulhar em espirais negativas, e que mesmo precisando não escrever, insiste e escreve, preservando com a própria vida esse risco.

Neste sentido, podemos arriscar dizer que o lugar de fala está muito mais próximo de um lugar de escuta no qual nos colocamos diante de experiências muito doloridas e que seguem presentes em:

Àquelas de nós cuja existência social é matizada pelo terror; àquelas de nós para quem a paz nunca foi uma opção; àquelas de nós que fomos feitas entre

apocalipses, filhas do fim do mundo, herdeiras malditas de uma guerra forjada contra e à revelia de nós; àquelas de nós cujas dores confluem como rios a esconder-se na terra; àquelas de nós que olhamos de perto a rachadura do mundo, e que nos recusamos a existir como se ele não tivesse quebrado: eles virão para nos matar, porque não sabem que somos imorríveis. Não sabem que nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras. Sim, eles nos despedaçarão, porque não sabem que, uma vez aos pedaços, nós nos espalharemos. Não como povo, mas como peste: no cerne mesmo do mundo, e contra ele. (MOMBAÇA, 2021, p. 27-28).

É nesta mesma direção que a categoria bicha é também positivada como processo subjetivo não binário por Ariel Silva:

Ser bicha é estar no entremeio entre o tido como homem e mulher, dividir a marginalização com as travestis que também transitam por esse limbo social, é utilizar o que se tem vontade sem a importância dada para o que a sociedade dirá sobre ser coisa “de menino” ou “de menina”, é ser decolonialista e não aceitar que se imponha sobre a própria vida um ideal de procura por um parceiro rico e branco que te levará para a Europa quando casarem, é por vezes ter conflitos com a lei por ter brigado em bares e trocado garrafas com pessoas que a atacaram pura e simplesmente por sua bichisse ou por ter roubado mais um mercado ou loja por não conseguir emprego formal e todo lugar afirmar que aquele espaço não é para ela e seu consumo. Ser bicha é, então, uma resistência. Não se contentar com o que foi dado, não receber só o esperado e não viver oficialmente. Ser bicha é subverter o papel de subalterna que a sociedade dá e dizer que não irá assimilar, não irá falar grosso se não quiser e não irá também aceitar ser essa voz subalterna e calada. Há, também, em alguns casos, o sexo com homens, mas mesmo isso pode ser opcional, visto que há bichas que sequer estão interessadas em relacionamentos com os indivíduos que há muito vem as oprimindo. Há, mas não é e nunca será o eixo central. Para se transar, é preciso estar viva. E estar viva é a luta da bicha. (SILVA, 2016).

O manifesto de Ariel me coloca também diante das ficções socialmente construídas para meu corpo diverso-funcional lido pela corponormatividade compulsória e pelo capacitismo<sup>3</sup> como uma estética grotesca, degenerada, por

---

<sup>3</sup> Ao passo que a teoria queer problematiza o regime da cisheteronormatividade compulsória, a teoria Crip tem como problemática, a corponormatividade. A teoria Crip, portanto, fissura a

vezes, kitsch: hemiparesia espástica direita é como as narrativas neuromédicas nomeiam meu corpo, mas, na dúvida, pergunta, sem titubear, se foi um AVC ou o resultado de um aborto malsucedido. Meu pé direito parece um pão, ainda bem que me sobrou a mão esquerda (como se a mão direita não estivesse aqui, na liberdade de uma função-outra). A arquitetura de nosso corpo é política, me sopra Preciado (2017; 2020b). Como criar, portanto, contrarrituais, narrativas dissidentes, quando somos a diáspora raivosa?

Em sintonia fina, Mbembe (2019) nos aponta como as formas de resistência produzidas no contemporâneo têm se efetuado: como tentativa de decolonizar e reavivar a memória contra o esquecimento, apostamos na luta dos corpos por se tornarem presentes, visível e fisicamente, diante da produção de ausência e silêncio, quando não, extermínio. Já sabemos quais corpos se situam no centro dos ataques que buscam enclausurá-los em zonas de controle, vistos como corpos sem jurisprudência, objetos a serem geridos, manipulados. Por isso, o autor reafirma a memória coletiva como potência de contar mesmo que só tenhamos inúmeros fragmentos de algo quebrado, dando passagem a uma política da visceralidade procurando a reabilitação do corpo que ao se posicionar desde um lugar fronteiriço, conforme Haraway (2009), também é responsável por essas fronteiras, nós somos essas fronteiras, essas conexões parciais.

Portanto, esta escrita ganha consistência de um ato perigoso, corajoso e de uma delicadeza abissal, cuja função é o desafio de rasgar papéis sobrecodificados. Ao abriremos caminho, confrontando as línguas maiores, impressas por mãos brancas, cis heteronormativas, masculinistas e sem deficiências, damos passagem às vogais-navalha e consoantes-tesoura, atualizando um saber que insiste em nosso corpo de maneira visceral, e que se interessa, conforme Helena Vieira (2021), por devir escrita a partir do que mais nos liga na vida, a partir da disposição em sermos afetados, fissurados, alterados, modificados, deformados

---

teoria queer para que esta incorpore também as diverso-funcionalidades. Vale acrescentar que “crip”, em inglês, significa aleijado, sendo assim propositalmente subversivo, com o intuito de marcar uma analítica da normalização dos corpos que fogem aos padrões corporais/funcionais/cognitivos marcados pela corponormatividade compulsória e pelo capacitismo, cuja materialidade estabelece as hierarquizações que sustentam uma abjeção dos corpos das pessoas diverso-funcionais a partir de um ideal de adequação e capacidade funcional. (PILUSO, 2015).

pelo encontro com o outro, desde uma "confluência híbrida" (PENEDO, 2008), que interseccione pelo compartilhamento de precariedades.

Ademais, uma escrita que esteja à espreita diante das armadilhas da visibilidade sem deixar em baixo relevo a violência que circunscreve o apagamento de nossas ancestralidades, pois é também denunciar como a colonialidade reitera os olhares da supremacia branco-academicista que nunca desejou nos conhecer, pois estão muito ocupados com os critérios utilitaristas de credibilidade, neutralidade e universalidade, conforme nos aponta a poesia de Anzaldúa (2000) ao sugerir que joguemos fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e o compasso, que sintamos nosso caminho sem anteparos, e que para alcançarmos mais pessoas, evoquemos as realidades pessoais e sociais — não através da retórica, mas com sangue, pus e suor, pondo nossas tripas no papel.

Desta feita, segundo Favero (2020), podemos também emancipar nossas dissidências das prescrições. Duvidarmos que uma queeridade já tenha chegado, deixá-la advir como potencialidade, como polivocidade do desejo que aposta na palavra como arma, em narrativas miúdas “sobre nossas experiências que vão além do binário, como correntes marinhas, como placas tectônicas em movimento, em uma fricção constante” (COMUNIDADE CATRILEO+CARRIÓN, 2021, p. 15), confundindo fronteiras para que nossa clínica sertaneja instaure deslocamentos (que já estavam em curso, como um *deja lá*), como uma queer-análise que, como bem coloca Preciado (2018), não conceitualiza a dissidência sexual e de gênero pelas lentes da patologia psicológica e da disforia da identidade, mas problematiza sua normatização e seus efeitos violentos como aparelhos biopolíticos, apontando como bússola ética uma coragem com força suficiente para transformações coletivas. Nesse viés, acrescenta o filósofo:

, 2020a). (...) gostaria de vos informar, caso não o tenham compreendido, que esta epistemologia binária e hierárquica está em crise desde os anos 1940, não só devido à contenção exercida pelos movimentos políticos de minorias dissidentes, mas também pelo aparecimento de novos dados morfológicos, cromossômicos e bioquímicos que tornam a atribuição binária de sexo impossível. (...) gostaria de lhe dizer que abalada pelas mudanças profundas, a epistemologia da diferença sexual está em mutação e vai dar lugar, provavelmente nos próximos dez ou vinte

anos, para uma nova epistemologia. Os movimentos transfeministas, queer e antirracistas de denúncia da violência, e também as novas práticas de filiação, relações amorosas, identificações de gênero, desejo, sexualidade, nomeação são apenas sinais dessa mutação e de experimentos coletivos para a formação de outra epistemologia do corpo e do ser humano vivo. (PRECIADO

Nestes termos, nossa queer-análise também recupera uma solidariedade que nada tem a ver com a caridade ou a virtude compassiva de ter bons sentimentos ou parecer uma boa pessoa, mas com uma solidariedade desestabilizadora, que *hackeie* os valores mantenedores do status quo do sistema (VIDARTE, 2019), uma solidariedade sinérgica e desobediente que, nas palavras de Andrade (2020), ao perceber “a cristalização das formas de vida servindo tão voluntariamente aos aparelhos de captura” (ibid., 2020, p. 28), deixa-se desviar por “um viés errático em relação a uma suposta via de conduta” (ibid., 2020, p. 28) para quiçá, descobrir novas nuances do existir, do estar juntas.

Juntas, cuidaremos do banzo...

### Referências:

ANDRADE, Sabrina Batista. *Solidariedade desobediente: modos de existência e outras sociabilidades*. LINHA MESTRA, n.41, maio-ago. 2020 (pp.26-32).

ANZALDÚA, Gloria. *"Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo"* (trad. Édna de Marco). Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?* 7ª edição – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CIDADE, Maria Luiza Rovaris. *Nomes (im)próprios: Registro civil, norma cisgênera e racionalidades do Sistema Judiciário*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

COLLING, Leandro. *Gênero e sexualidade na atualidade*. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018.

COMUNIDADE CATRILEO+CARRIÓN. *Utopias mapuche não binárias para um presente epupillan*. Tradução: Bru Pereira e Lucas Maciel. Caderno de Leituras n.124. Edições Chão da Feira. Belo Horizonte, março de 2021. Disponível em:

<https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2021/03/cad124-utopiasmapuche.pdf>  
(acesso em abril de 2021).

DEMINGOS, Lucas. & STONA, José. *A vida psíquica do armário*. In: STONA, J. (org.). *Relações de Gênero e Escutas Clínicas*. 1ª edição. Salvador – BA. Editora Devires, 2021 (pp. 235-251).

FAVERO, Sofia. *Teoria queer para além de Judith Butler - 2ª Edição*. Evento online organizado por: Daniel Kveller, Jan Mxt, João Gabriel Maracci, Rafael Cavalheiro e Sofia Favero; novembro de 2020.

FERREIRA, José Augusto Gerônimo & SOUZA, Leonardo Lemos de. *A invisibilidade das vivências não binárias das sexualidades e gêneros e a reivindicação do direito de aparecer: itinerários de uma pesquisa/viagem no sistema binário de educação*. In: GOMES, Aguinaldo Rodrigues; LION, Antonio Ricardo Calori de. (orgs.). *Corpos em trânsito: existências, subjetividades e representatividades*. 1ª ed./ Salvador – BA. Editora Devires, 2020 (pp. 365-383).

GAIMAN, Neil. *Sandman – Terra dos Sonhos: Um sonho de mil gatos*. São Paulo: Globo S/A, nº 18, 1991.

HARAWAY, Donna “*Isso parte meu coração*”. In: *Revista DR*, 2018. Disponível em: <https://revistadr.com.br/posts/isso-parte-meu-coracao/> (acesso em dezembro de 2018).

\_\_\_\_\_. *Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (orgs.e trad.) *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009 (pp. 33-118).

hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo, São Paulo: Elefante, 2019.

KVELLER, Daniel. Boianovsky. *Contra o normal: uma introdução aos “clássicos” da teoria queer*. Curso online realizado pela APPH – Associação de Pesquisas e Práticas em Humanidades; junho de 2021.

LEOPOLDO, Rafael. *Cartografia do pensamento queer*. 1ª ed./Salvador – BA. Editora Devires, 2020.

LORDE, Audre. *Os usos da raiva: mulheres respondendo ao racismo*. In: *Irmã outsider*. Tradução: Stephanie Borges – 1ª edição – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, pp. 157-171.

MBEMBE Achille. *Poder vital, resistência visceral*. Caixa Pandemia de cordéis (REXISTIR). 1ª edição: n-1 edições, 2019.

MOMBAÇA, Jota. *O mundo é meu trauma*. In. *Não vão nos matar agora*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021, p. 27-34.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *Seguindo os passos “delicados” de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. In: CAETANO, Marcio; JUNIOR, Paulo Melgaço da Silva (orgs.). *De guri a cabra macho: masculinidades no Brasil*. 1ª edição, Rio de Janeiro: Lamparina, 2018 (pp. 127-141).

PENEDO, Susana López. *El labirinto queer: La identidad en tiempos de neoliberalismo*. Madrid Egales, 2008.

PILUSO, Roberta Pinheiro. *Deficiência, gênero e a perspectiva do cuidado: intersecções possíveis e as relações jurídico-sociais aplicadas*. Artigo apresentado para o IV ENADIR no Grupo de Trabalho 06: Deficiência e antropologia do direito: olhares antropológicos sobre os direitos das pessoas com deficiência, coordenado por Anahi Guedes de Mello – UFSC e Katia Regina Cezar – NADIR/USP, 2015.

PRECIADO, Paul B. *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas* (S. W. York, Trad.). *A Palavra Solta*. Disponível em: <https://www.revistaapalavrasolta.com/post/eu-sou-o-monstro-que-vos-fala>, 2020a (acesso em 2 de nov. de 2020).

\_\_\_\_\_. *Manifesto contrassexual*. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017.

\_\_\_\_\_. *Queer: história de uma palavra*. Texto originalmente publicado no site Parole de queer em 2009. Tradução: Luiz Morando. RESISTA! Observatório de resistências plurais, 12 de abril de 2018. Disponível em: <https://resistaorp.blog/2018/04/12/queer-historia-de-uma-palavra/> (acesso em 30/05/2021).

\_\_\_\_\_. *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

\_\_\_\_\_. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Tradução: Eliana Aguiar. 1ª edição – Rio de Janeiro: Zahar, 2020b.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão Veredas*. 21ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SERANO, Julia. *Whipping Girl: A Transsexual Woman on Sexism and the Scapegoating of Femininity*. 2ª ed. Editora Seal Press (CA), 2007.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *A epistemologia do armário*. Cad. Pagu [online], n.28, janeiro-junho de 2007, pp.19-54.

SILVA, Ariel. *Materializando As Identidades Não-Binárias: A Bicha Enquanto Identidade De Gênero Brasileira (A Fluidez De Gênero Para Além Dos Muros Universitários)*, 29 de março de 2016. Disponível em: <https://transfeminismo.com/materializando-as-identidades-nao-binarias-a-bicha->

enquanto-identidade-de-genero-brasileira-a-fluidez-de-genero-para-alem-dos-muros-universitarios/ (acesso em fevereiro de 2021).

SILVA, Flávia Fernando Lima. *“Resistindo na boca da noite um gosto de sol”*: O feminismo antiproibicionista como resistência à narrativa da “Guerra às drogas”. Tese de Doutorado em Psicologia, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: Ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

STONA, José. *Melancolia de gênero na clínica lbtqia+*. Curso online, fevereiro de 2021.

THÜRLER, Djalma & COLLING, Leandro. *Um curso de especialização em gênero e sexualidade em perspectiva queer, decolonial e interseccional*. In: RODRIGUES, Alexsandro; CAETANO, Marcio.; SOARES, Maria Conceição Silva. (orgs.). *Queer(i)zando Currículos e Educação: narrativas do encontro*. 1ª edição/Salvador – BA. Editora Devires, 2020.

VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

VIDARTE, Paco. *Ética Bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ*. Traduzido por Maria Selenir dos Santos, Pablo Cardelino Soto. São Paulo: n-1 dições, 2019.

VIEIRA, Helena. *Feminismo Decolonial e Queer of Colors: Crítica, Pensamento e Ação Política*. Curso Online realizado pelo Outro Grupo de Teatro de 8 a 17 de fevereiro de 2021.

WITTIG, Monique. *El pensamiento heterosexual*. Trad. Javier Saéz & Paco Vidarte. Madrid: Egales, 2005.

Recebido em dezembro de 2022.

Aprovado em abril de 2023.